

JANE MITCHELL

Tradução José Geraldo Couto

UMA TRAVESSIA PERIGOSA



Editora
Mediação

JANE MITCHELL

**UMA TRAVESSIA
PERIGOSA**

Tradução **José Geraldo Couto**

1ª edição



**Editora
Mediação**

2018

Todos os direitos desta edição reservados à

 **Editora Mediação Distribuidora e Livraria - EIRELI - EPP**

Av. Taquara, 386/908 - Petrópolis
Porto Alegre/ RS CEP 90460-210
Fone (51) 3330 8105
faleconosco@editoramediacao.com.br

www.editoramediacao.com.br **ft**

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem autorização expressa do Editor.

Copyright © Jane Mitchell, 2018

Copyright © Editora Mediação Distribuidora e Livraria
– EIRELI – EPP, 2018

Este livro foi publicado com apoio da Literature Ireland.



A Dangerous Crossing foi publicado originalmente na Irlanda em 2017 pela Little Island Books, 7 Kenilworth Park, Dublin 6W.

Coordenação Editorial: Jussara Hoffmann

Editoração: Setor Editorial Mediação

Jane Mitchell nasceu em Londres, Inglaterra, e mudou-se para Dublin, Irlanda, aos 7 anos, onde vive até hoje. É formada em Educação pela Trinity College de Dublin. É uma das autoras de literatura infantojuvenil mais importantes da Irlanda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mitchell, Jane

Uma travessia perigosa / Jane Mitchell; tradução
José Geraldo Couto. – 1. ed. – Porto Alegre : Mediação, 2018.

Título original: *A Dangerous Crossing*.

ISBN 978-85-7706-117-4

ISBN 978-1-910411-58-2 (ed. original)

1. Ficção - Literatura juvenil I. Título.

18-16223

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964



SUMÁRIO

Convite à leitura 8
por Patrícia Campos Mello

Capítulo 1	10
Capítulo 2	18
Capítulo 3	27
Capítulo 4	38
Capítulo 5	47
Capítulo 6	58
Capítulo 7	66
Capítulo 8	75
Capítulo 9	87
Capítulo 10	96
Capítulo 11	103
Capítulo 12	116
Capítulo 13	131
Capítulo 14	139
Capítulo 15	145

Capítulo 16	154
Capítulo 17	164
Capítulo 18	172
Capítulo 19	179
Capítulo 20	187
Capítulo 21	196
Capítulo 22	204
Capítulo 23	213

O que poderia acontecer

a Ghalib em seguida?	225
-----------------------------	------------

Glossário	229
------------------	------------

Crianças da Síria	231
--------------------------	------------

Agradecimentos	233
-----------------------	------------

Sobre a autora	234
-----------------------	------------

Sobre o tradutor	235
-------------------------	------------

Sobre a Anistia Internacional	237
--------------------------------------	------------

Informações paratextuais	240
---------------------------------	------------

***Dedicado a todas as crianças sírias que tiveram
a vida lesada, alterada ou arruinada
pela guerra civil em seu país.***

CONVITE À LEITURA

Patrícia Campos Mello*

Ghalib Shenu podia ser apenas mais um entre os milhões de meninos de 13 anos espalhados pelo planeta. Ele gosta de *games*, de futebol e de livros sobre sobrevivência na selva. Detesta quando sua irmã mais velha revira os olhos e implica com ele.

Mas Ghalib nasceu na Síria.

A guerra síria, que começou em 2011 e já matou mais de 400 mil pessoas, virou a vida de Ghalib e sua família de cabeça para baixo. Sua cidade, Kobani, ficou destruída. Ninguém ia para a escola havia meses, o centro da cidade tinha virado um amontoado de escombros e a diversão das crianças era fazer incursões ao mercado abandonado e achar coisas para vender.

Depois de Ghalib ser atingido por um bombardeio e escapar por pouco da morte, seu pai chegou à conclusão de que não dava mais para ficar em Kobani. De um lado, ataques aéreos e os fanáticos do Estado Islâmico, que deixavam um rastro de atrocidades por onde passavam. De outro, o perigo de Ghalib ser obrigado a se alistar no Exército e lutar nessa guerra sangrenta.

Sem saída, Ghalib e sua família lançam-se em uma travessia perigosa, cruzando fronteiras fechadas para os milhares de sírios em fuga, enfrentando traficantes de pessoas inescrupulosos, policiais hostis, países e línguas novas.

É longa e difícil a caminhada até o sonho europeu e uma vida segura.

A autora, Jane Mitchell, faz o leitor mergulhar na saga de Ghalib e sua família, com riqueza de detalhes impressionante, resultado de inúmeras entrevistas com crianças e jovens sírios cujas histórias inspiraram esta obra.

É um livro difícil de largar – ao longo das páginas, sentimos que Ghalib poderia ser nosso vizinho, amigo, filho ou primo, e torcemos por ele e por sua família.

A proeza de Mitchell é despertar empatia, esse item tão em falta nos dias de hoje. O leitor consegue se colocar no lugar de Ghalib e entender, ao menos em parte, o que leva esses milhares de famílias a fugirem e encararem os perigos de uma jornada que, muitas vezes, tem um fim trágico.

Mitchell dedica seu livro a todas as crianças sírias que tiveram a vida lesada, alterada ou arruinada pela guerra civil em seu país.

Porque, como diz Ghalib, tudo que elas querem é voltar ao tempo anterior à guerra.

“Quero ir para casa.”

* É repórter especial da *Folha de S.Paulo* e já esteve três vezes na Síria durante os conflitos.

I Contorno correndo a Praça da Liberdade, no centro de Kobani. Mal reconheço este lugar, tamanha a ruína em que se encontra. Aperto meu fardo contra o peito: sapatos de mulher e camisas de homem, telefones celulares dentro de caixas, livros de colorir só um pouco chamuscados. Até mesmo peças de bicicleta — tudo deixado nas lojas explodidas e tendas bombardeadas do velho *souq*. Olho por cima do ombro para ver se nenhum lojista está me perseguindo. Você não imagina a rapidez com que eles se movem, levando em conta seu tamanho, mas o fato é que nunca conseguiram nos pegar. Somos rápidos demais para eles. Eu me esgueiro em meio às sombras dos montes de entulho e dos prédios em escombros. Salto por cima de crateras de bomba e emaranhados de aço enferrujado, por cima de balas e cartuchos detonados. Sou Ghalib Shenu. Sou invencível.

Meu primo Hamza Al-Khateeb corre à minha frente. Ele se afasta da praça e entra nas ruazinhas estreitas. Antes de segui-lo, paro sob a marquise de um prédio bombardeado para esperar meu irmão menor.

— Vamos logo, Aylan — digo.

Ele para de correr ao me ver esperando, com seu suéter vermelho em contraste vívido com as ruas poeirentas. Esfrega o nariz na manga.

— Estou cansado, Ghalib — diz.

Sua perna esquerda levanta uma golfada de poeira a cada passo: seu andar manco piora quando ele está cansado. Sua mão defeituosa se retorce, formando um pequeno gancho.

— Endireita essa mão — eu digo.

Hamza retorna até onde estou esperando. Meus músculos se retesam. Eu preferia que ele seguisse em frente.

Hamza olha para Aylan.

- Você não devia ter trazido ele – diz.
- Cala a boca, Hamza.
- Vão pegar a gente por causa dele.
- Ele está indo bem.
- Ele é lento demais.
- Você não precisa esperar por nós.

Mas Hamza espera. Protege os olhos do sol com a mão. Esquadrinha as ruas vazias, o céu vazio. Faz isso para tentar me pressionar. Os lojistas chegam rapidinho se nos veem roubando mercadoria avariada, mas ataques aéreos são ainda mais rápidos, rugindo dos céus para pulverizar tudo em volta. Quando Aylan nos alcança, tiro dele uma caixa de sapatos e duas caixas de celulares e coloco em cima das minhas coisas. Ficam com ele só um saco plástico com campainhas de bicicleta e algumas roupas leves.

- Você leva isso – digo.

Andamos devagar agora, com as sandálias rangendo sobre pedras irregulares e entulhos. Abrimos nosso caminho entre carros deformados e estilhaços de vidro. Quando a rua está bloqueada por escombros de um prédio bombardeado, Hamza escala os montes de tijolos chamuscados. Estendo a ele nossas mercadorias e em seguida puxo Aylan por cima de buracos e calombos de concreto.

- Fique longe dos fios expostos – digo.

Gordas moscas-varejeiras azuis voejam sobre buracos fétidos onde cadáveres apodrecem embaixo de ruínas fumegantes. Enquanto ergo Aylan por sobre os obstáculos, uma leve vibração faz estremecer os fios de aço enferrujados que afloram das lajes compactas. O metal canta e geme como mulheres lamuriantes. Meu coração bate mais forte. Agarro a mão de Aylan. Nós três nos detemos. Esperamos. Ficamos à escuta. Talvez não seja nada.

Prendemos a respiração, em silêncio. Cacos de vidro presos ao caixilho de uma janela despedaçada retinem, vibrando como sinos distantes. Isso não é bom. A escuridão que me invade infiltra-se no meu sangue. Abraçamos com mais força nossos sacos de mercadorias. Ergo os olhos para o céu vazio. Aylan me encara, de olhos bem abertos.

— Quero a Umi — ele sempre chama por nossa mãe quando está apavorado.

— Eu quero é um abrigo! — diz Hamza.

Puxo Aylan pela mão.

— Vem comigo.

O leve tremor já foi abafado pelo zumbido distante. Este se eleva. Meu peito se contrai. Agora saímos correndo, em busca de abrigo, e o pânico faz Aylan acelerar seu passo torto. As batidas de nossos pés no chão são o único som além do rugido crescente do ataque aéreo que se aproxima. Ele estilhaça o ar parado. Rasga a quietude das ruas vazias.

Lanço-me através de uma fresta aberta no muro do que costumava ser a biblioteca central. Hamza e Aylan me seguem. Empurro Aylan contra a parede chamuscada embaixo de uma marquise de tijolos e argamassa caindo aos pedaços. Hamza rasteja até nós. Agachamos bem encolhidos num canto, com a respiração ofegante, o coração disparado. Aylan treme sob os meus braços. Talvez Hamza tenha razão. Talvez devêssemos ter deixado Aylan em casa, especialmente com um ataque aéreo iminente. A Umi vai me matar se ele for explodido.

O ar se avoluma e estremece. Um *flash* de escuridão pisca diante do sol quando o projétil passa zunindo sobre nossas cabeças para estourar num terreno distante de onde estamos encolhidos. Um estrondo vibrátil passa por baixo, ou através, de nós. A própria terra parece sofrer uma convulsão. As paredes

remanescentes da biblioteca estremecem e se sacodem, despejando poeira e pedras sobre nós. Em seguida faz-se um breve silêncio – a calmaria familiar depois de um ataque. O silêncio me invade, quente e insistente. Preenche por completo meus ouvidos latejantes. Ergo a cabeça. Espero o caos se revelar por inteiro. Hamza também endireita o corpo, com a cabeça branca de poeira. Aylan tosse e cospe poeira. Eu o puxo para perto e o coloco de pé para verificar se está tudo bem. Ele não chora nem diz coisa alguma. Encara o vazio com olhos arregalados, os cílios engrossados por um pó fino. Espano terra e poeira do seu cabelo escuro. Limpo seu rosto encardido.

– Quero a Umi – diz Aylan.

– Agora nós vamos – digo, aliviado por ver que ele ainda fala.

Temos que seguir em frente antes que o tumulto que sempre se segue a um ataque aéreo tome conta do lugar. Pego Aylan pela mão. Escalamos para fora de nosso abrigo improvisado, espanando com as mãos o *jeans* e o suéter. Fitamos a enorme coluna de fumaça preta que sobe em espiral do lugar onde caiu a bomba mais recente. Ninguém abre a boca. A excitação da pilhagem já se esvaiu em nós, posta de lado pelo ataque aéreo e por uma súbita ânsia de chegar em casa. Juntamos nossas mercadorias espalhadas e seguimos nossa trilha entre lojas e escritórios destruídos. Edifícios deixam cair pedaços de paredes e lascas de telhados no nosso caminho. As pessoas aparecem, sozinhas ou em duplas, em construções destruídas em outros ataques. Elas emergem de aberturas com cortinas em lugar de portas. Observam-nos através de janelas arrebentadas.

– Vão para casa, voltem para sua família – diz um homem.

– Vocês não deviam estar nas ruas.

Outros se empoleiram em balcões periclitantes cidade afora. O cheiro forte de combustível queimado nos atinge

agora, desalojando o mau cheiro normal que impregna as ruas destruídas, de comida podre, canos de esgoto rompidos e corpos esmagados.

— Caiu perto do estádio — diz uma mulher, de um quarto partido ao meio dois andares acima.

— Perto do centro comercial — diz outra.

Não conversamos e não paramos para escutar. Nosso corpo treme. Nossos ouvidos zumbem. Corremos de volta ao bairro curdo, onde moramos. Troco as mercadorias que levo de mão para segurar a mão de Aylan.

— Estamos quase lá — digo. Forço-o a continuar correndo.

Vejo a Umi e minha irmã, Bushra, antes que elas nos vejam. Elas correm ruela acima, espiando becos e travessas, parando para examinar vãos de portas, contemplando a todo momento a coluna de fumaça preta. O rosto da Umi está com a fisionomia alucinada ultimamente. Um repuxão de culpa me aperta a barriga. Bushra parece apenas aborrecida. Estou encrencado por ter deixado o bairro. Estou mais encrencado por ter ido junto com Hamza. E mais encrencado ainda por ter levado Aylan comigo. Talvez a Umi gostasse de ganhar um novo par de sapatos. Espio as caixas em meus braços, à procura de sapatos de mulher.

Quando nos veem, elas param de correr. A Umi se planta no meio da rua, *hijab* cobrindo a boca, olhos vidrados em nós. Bushra me olha com cara feia.

— Oi, tia Gardina — diz Hamza. — Oi, Bushra.

Ele sorri como se não houvesse nada errado. Às vezes ele é descarado demais. Bushra fuzila Hamza com o olhar; a Umi o ignora. Seu olhar está fixo em mim.

— Aonde você o levou? — pergunta ela.

Ouçõ raiva e alívio, tristeza e terror, tudo misturado nas suas palavras.

— Umi! — diz Aylan. Ele solta minha mão e corre para os braços dela.

— Vejo você depois, Ghalib — Hamza me diz. E parte para casa.

A Umi fica de cócoras e puxa Aylan para si. Ela o examina atentamente, passando as mãos por seu corpo empoeirado, sentindo com a ponta dos dedos o formato do seu crânio, fazendo-o girar para erguer o suéter e checar sua coluna, sua pele macia e ilesa. Ele é seu bebê precioso que quase não sobreviveu para se tornar seu menino precioso. Ela acaricia seus braços, detendo-se um pouco no mais fraco, o esquerdo, e também nas pernas magricelas, tocando seus joelhos esfolados, demorando mais na perna manca. Só depois de se certificar de que ele não está ferido, apenas imundo e assustado, é que ela o abraça com força. Aperta-o como se nunca mais fosse soltá-lo. Inala o medo que emana dele junto com a sujeira e o pó. Apoia o rosto em sua cabeça, o *hijab* sujando-se com a sujeira do cabelo endurecido de Aylan, o vestido imprimindo-se de sua silhueta encardida.

Durante todo o tempo em que ela o examina, eu os observo. Não digo nada. Aylan se submete à inspeção sem resistir nem questionar. É reconfortante para ambos aquele cuidado, aquele exame, aquele retorno seguro. Não faço parte disso. Sou velho demais para que minha mãe passe as mãos pelo meu corpo, mas, ao observá-los, uma coisa vívida e doce brota em minha memória. Sei que ela não tem o mesmo amor por mim, agora que eu surrupiei Aylan dela e o levei cidade adentro, onde ataques aéreos e balas de morteiro rasgam o céu como bolas de fogo e franco-atiradores curdos se entocam em prédios em ruínas para disparar contra forças do Estado Islâmico e do governo.

Eu nem olho para Bushra. Sei qual é a sua expressão e não quero ver. Ela me ignora. Minha irmã tem pouco tempo para mim.

A Umi finalmente se vira para mim. Era só uma questão de tempo.

— E você? — diz ela.

Eu me preparo. Enfrento seu olhar. Permaneço firme.

— Como ousa levar seu irmão para a cidade? — a fúria faísca em suas palavras como o brilho de uma faca nova.

— Trouxe sapatos pra você, Umi — digo. Estendo uma caixa de sapatos. Ela a ignora.

— Olhe só! — diz ela. Ergue a mão em direção à enorme coluna de fumaça preta, atingida agora por correntes de vento que lambuzam, com sua poluição gordurosa, o céu da cidade. Alarmes de incêndio e o baque surdo de explosões ao nível do chão preenchem o silêncio entre suas palavras.

— Olhe só isso! — diz ela. Aponta para Aylan, encardido de poeira de concreto e manchado de terra.

— O ataque não atingiu o *souq* — eu digo.

— Que me importa onde atingiu, Ghalib? — ela diz.

— Olhe para o estado do seu irmão — ela diz.

— Vocês podiam ter sido explodidos em pedacinhos — ela diz.

— Mas não fomos — eu respondo. — E conseguimos coisas boas. Olhe só os sapatos lindos que eu trouxe pra você — tento mais uma vez.

— *Ya Allah*, Ghalib! — diz Bushra. Ela me vira as costas.

— Não quero sapatos, Ghalib — diz a Umi. — Não quero que você vá para o centro com o Hamza para saquear e roubar. Está errado. Não educamos você para ser ladrão. E o pior é que você está ensinando seu irmão.

Começamos a andar para casa. Aylan segura a mão da Umi.

— Suponho que tenha sido ideia do Hamza — diz ela.

— Não foi ideia do Hamza — digo eu.

— Você tem sempre que copiar tudo o que ele faz? — pergunta a Umi. — Geralmente é coisa ruim. Por que você não consegue manter a cabeça no lugar, Ghalib?

— Eu que fiz ele me levar, Umi — diz Aylan num fio de voz.

A Umi olha para Aylan. Bushra olha para Aylan. Eu olho para Aylan.

— Eu disse para o Ghalib que, se ele não me levasse junto, eu contaria pra você que ele estava indo ao *souq* com o Hamza — diz Aylan.

Ele mente bem. Até eu me convenço. Os olhos da Umi se enternecem ao olhar para ele. Todo mundo se enternece ao olhar para Aylan. Alguma coisa em sua pessoa faz todos desejarem cuidar dele. A Umi se dobra e o ergue em seus braços. Ele está grandinho demais para ser levado no colo, mas é isso o que consegue.

— Nunca mais vá ao *souq* com o Ghalib — a Umi diz.

E enquanto caminhamos para casa, fico pensando que talvez seja útil levar Aylan junto na próxima vez. Acho que ele pode me livrar de encrenca.